

# Linguística de Corpus como abordagem para análise de traduções: explorando as versões de *A Sociedade do Anel* em português brasileiro

*Corpus Linguistics as an approach to analyzing translations: exploring the Brazilian Portuguese editions of The Fellowship of the Ring*

**Leonardo Soboleswki Flores**  

lsflores3@ucs.br

Universidade de Caxias do Sul – UCS

**Sabrina Bonqueves Fadanelli**  

sbfadane@ucs.br

Universidade de Caxias do Sul – UCS

## Resumo

Os Estudos de Tradução têm sido apoiados pela Linguística de Corpus (LC) de diversas maneiras; este artigo pretende ilustrar como a LC pode ser uma abordagem útil para a análise comparativa de traduções. Para isso, serão comparadas duas traduções em português brasileiro de *A Sociedade do Anel*, a saber, a de Maria Rimoli Esteves (Tolkien, 2001) e a de Ronald Kyrmse (Tolkien, 2019). O objetivo principal da análise das traduções foi identificar e apresentar algumas diferenças significativas entre elas. Para isso, utilizamos a ferramenta gratuita para análise de Corpus *AntConc* (Anthony, 2022), a partir da exploração de recursos como as *collocations* e as *keywords*, que são abordadas e explicadas ao longo deste trabalho. A ferramenta comprovou ser importante para análises desta natureza, uma vez que permite uma simplificação nos processos de pesquisas. Resultados apontam para algumas diferenças entre as traduções no que concerne ao uso de adjetivos, colocações e marcas idiossincráticas de Tolkien presentes nas versões em português brasileiro.

## Palavras-chave

*A Sociedade do Anel*. Análise de Tradução. Linguística de Corpus. *AntConc*.

## Abstract

Translation Studies have been supported by Corpus Linguistics in various ways; this paper explores the use of Corpus Linguistics as a valuable approach for analyzing and comparing different translations of a same text. In this case, the study focuses on two Brazilian Portuguese translations of the English original *The Fellowship of the Ring*, namely those by Maria Rimoli Esteves (Tolkien, 2001) and Ronald Kyrmse (Tolkien, 2019). The main objective is to identify and highlight significant differences between these two translations. *AntConc*, a freeware corpus

## FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 06/07/2024

Aprovação do trabalho: 11/01/2025

Publicação do trabalho: 27/03/2025

 10.46230/lef.v16i3.13502

## COMO CITAR

FLORES, Leonardo Soboleswki; FADANELLI, Sabrina Bonqueves. Linguística de Corpus como abordagem para análise de traduções: explorando as versões de *A Sociedade do Anel* em português brasileiro. **Revista Linguagem em Foco**, v.16, n.3, 2024. p. 238-257. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/13502>.

Distribuído sob



Verificado com

**Plagius**  
Detector de Plágio

analysis toolkit (Anthony, 2022) was used for the investigation, with particular attention given to the *collocations* and *keywords* tools. The use of such software has proven to be an important approach for this type of in-depth translation analysis, as it simplifies the research process. The results point to some differences in how Tolkien's distinctive use of adjectives, collocations and other idiosyncratic elements were rendered in the Brazilian Portuguese translations.

#### **Keywords**

*The Fellowship Of The Ring*. Translation Analysis. Corpus Linguistics. *Antconc*.

## **Introdução**

A Linguística de Corpus (LC) se interessa pela descrição da língua em uso em seu *habitat* natural. A LC não opera através da teorização prévia sobre a língua seguida da busca porexemplos que se adaptem a esta teorização; ao contrário, ela constrói sua teorização por meio dos padrões linguísticos observados nos textos em linguagem natural que constituem os corpora. Essa abordagem tem sido amplamente utilizada nos estudos da tradução e na prática tradutória, como podemos ver nos trabalhos de Baker (1993), Kenny (1998), Olohan (2004), entre muitos outros<sup>1</sup>. O objetivo deste artigo é ilustrar, de forma não exaustiva, como a LC pode contribuir para uma análise comparativa entre as características de duas ou mais traduções de um mesmo texto; no caso, duas traduções de *A Sociedade do Anel*, de J. R. R. Tolkien, uma delas feita por Maria Rimoli Esteves (Tolkien, 2001), e a outra por Ronald Kyrmse (Tolkien, 2019).

Uma análise entre traduções precisa levar em consideração diversos fatores para que a maior quantidade possível de variantes seja contemplada. Esses fatores estão localizados em diversos níveis linguísticos, desde sintáticos; como pontua Reinaldo José Lopes, um dos tradutores de Tolkien no Brasil e importante membro do Conselho de Tradução da HarperCollins Brasil, é necessário, ao realizar uma tradução, “olhar elemento por elemento, como as palavras até a sintaxe, e passar ponto a ponto em português” (Lopes, 2019, p. 1) – até semânticos, pois a inversão da ordem em que as palavras aparecem pode gerar efeitos diferentes.

Sobre a escolha da obra *A Sociedade do Anel*, consideramos que analisar esse texto é investigar sobre o trabalho de um escritor extremamente idiossincrático e pseudotradutor<sup>2</sup>. Assim, acreditamos que as dificuldades que Tolkien

---

1 O leitor pode considerar que as fontes estão defasadas com base nas datas de publicação dessas, mas é importante ressaltar que utilizamos a base da LC, que permanece relevante para o tema.

2 O termo ‘pseudotradutor’ faz referência ao recurso literário chamado de pseudotradução, que ocorre quando o escritor “se disfarça de tradutor, imprimindo a seu texto marcas que dentro da cultura-alvo são reconhecidas como características de textos traduzidos” (Gonçalves, 2007, p. 53). Chamo Tolkien de

proporciona aos tradutores de seus trabalhos (não propositalmente, é claro) são consideravelmente maiores do que um texto oriundo de um escritor que não use dos recursos literários encontrados nos textos tolkienianos.

O presente trabalho foi dividido da seguinte forma: inicialmente, a LC foi conceituada e os seus preceitos como abordagem de estudo de língua foram revisitados; em seguida apresentamos a análise, em que o processo de utilização da ferramenta de LC foi detalhada, bem como procedemos a uma avaliação do que pode ser aproveitado dos dados coletados.

## 1 Sobre a Linguística de Corpus como abordagem de análise linguística

O trabalho com corpus na Linguística não é recente, mas foi por meio dos estudos de Firth (1957) e de Sinclair (1966) que a LC ganha seus contornos mais específicos como abordagem linguística empirista, divergentemente da corrente racionalista Chomskyiana (Berber-Sardinha, 2000).

A LC envolve o estudo da língua baseada em compilações estruturadas de textos em linguagem natural, conhecidas como corpora (Sinclair, 1991; Berber-Sardinha, 2004). Estes são compostos de amostras de língua falada ou escrita que servem como um valioso recurso de pesquisa sobre o comportamento da linguagem falada ou escrita. O objetivo da LC é o estudo de padrões e usos através da análise computadorizada de dados; diferentemente de outras abordagens, cuja perspectiva é de que a língua deve ser analisada de acordo com princípios determinados anteriormente, a LC primeiro observa o comportamento da linguagem em seu habitat natural (o texto) e depois teoriza sobre ela (Kennedy 2014).

Ao contrário de outras abordagens linguísticas, a LC não confia em exemplos isolados e nem assume uma posição prescritiva da língua: o trabalho altamente baseado em frequência de ocorrências, combinações e padrões lexicais provenientes de corpus com textos autênticos permeia as características mais descritivas da LC (Teubert, 2005).

O modelo de língua da LC (língua = sistema de combinatórias) carrega uma visão do papel da idiomaticidade como estruturante da língua (Sinclair, 1991;

---

pseudotradutor porque isso já foi objeto de estudo de vários pesquisadores, dentre eles Kyrmse (2003) e Lopes (2012) – ambos tradutores de Tolkien no Brasil - e Kullmann e Siepmann (2021).

Gries, 2006, 2009). Em outras palavras, a clássica dicotomia gramática-léxico se dissolve na abordagem da LC, pois são as combinações lexicais que, na verdade, compõem as estruturas linguísticas (Sinclair 2003).

A LC é aplicada com familiaridade por muitos tradutores porque os auxilia a identificar equivalentes entre línguas através da comparação e da exploração das opções de tradução (Dayrell, 2015), o que facilita a determinação das escolhas mais apropriadas de tradução de acordo com o contexto em que o texto traduzido vai se inserir. Este contexto pode incluir desde textos de domínios técnico-científicos a traduções literárias. De acordo com Hunston (2002) e Baker (2018), o tradutor pode se utilizar da LC para tornar seus textos mais naturais e mais alinhados ao público-alvo que vai receber a tradução.

Um corpus não necessita ser gigantesco para ser representativo; a representatividade depende dos objetivos do pesquisador, e uma análise do quanto as características linguísticas variam nos textos em si, entre textos de gênero parecido e entre tipos diferentes de textos pode auxiliar na montagem do corpus (Biber, 2012). Quando da aplicação da LC no auxílio à tradução literária, mais especificamente, o corpus poderá ser maior ou menor, pois é sempre projetado para um propósito particular, e o seu tipo depende da sua finalidade (Hunston, 2002; Weisser, 2010). Um corpus em si não pode ser lido como um texto, com começo, meio e fim; ele deve ser lido de uma forma hipertextual, por exemplo, através de concordâncias (Berber-Sardinha, 2009). As concordâncias são linhas em um corpus de estudo que apresentam uma palavra de busca inserida em um contexto de uso (Scaramucci, 1997).

Sinclair (1991; 2003) especifica que estas concordâncias podem ser de cunho lexical, como as colocações (característica em que o léxico de uma língua se agrupa a determinadas palavras, exprimindo uma 'preferência' pela companhia de umas e não de outras – chamado de Princípio da Idiomaticidade); ou de cunho mais estrutural, como a coligação, ou, em outras palavras, uma combinação léxico-gramatical (Berber-Sardinha, 2000). A padronização na LC é evidenciada pela recorrência: através do conhecimento da frequência atestada é possível tirar conclusões sobre o comportamento linguístico em um dado registro e gênero textual (Berber-Sardinha, 2004).

As ferramentas utilizadas na LC podem variar dependendo dos objetivos da pesquisa, do tamanho e da natureza do corpus e das preferências do pesquisador. Os pesquisadores geralmente combinam várias dessas ferramentas para realizar análises linguísticas abrangentes e obter insights dos dados do cor-

pus. Nesta pesquisa, utilizaremos o *AntConc* 4.2.4<sup>3</sup>, de Laurence Anthony (2022), e quatro de suas ferramentas descritas abaixo (a descrição é adaptada de Fadanelli, 2017):

Gerador de Lista de Palavras (*Wordlist*): produz listas de palavras contendo todas as palavras do arquivo ou arquivos selecionados, tanto as lexicais como as funcionais, possíveis de serem visualizadas em conjunto com suas frequências absolutas e percentuais.

Concordanciador: realiza concordâncias, ou listagens de uma palavra específica (*node word*, ou nóculo) mostrando a parte do texto em que ocorre e as palavras que estão próximas a ela.

Gerador de colocados ou combinações (*Collocates*): ferramenta que mostra as combinações mais frequentes de um determinado léxico.

Gerador de Palavras-Chave (*KeyWords*): as palavras-chave são aquelas que apresentam maior frequência no corpus pesquisado, quando comparadas a um corpus de referência maior.

Quanto à metodologia, após realizar uma busca por palavras-chave no corpus do livro original com o corpus de referência da própria ferramenta *AntConc* (com ao menos 4 vezes mais tokens), selecionamos a palavra *tree* (árvore), que apareceu entre as 40 palavras com mais “chavicidade” (fator *Keyness Likelihood* 422.504). O fator “chavicidade” é usado para identificar e classificar o grau em que as palavras em um corpus de estudo aparecem com frequência incomum em comparação com sua ocorrência em um corpus de referência (Gries, 2021). Realizamos uma busca dos adjetivos que precedem ou seguem a palavra ‘árvore’ no texto original e em suas traduções, com a ferramenta gerador de colocados. O objetivo principal foi verificar como as escolhas tradutórias foram feitas em relação à palavra em questão, em comparação com o texto original.

Além disso, a ferramenta *AntConc* foi empregada para buscar padrões linguísticos específicos relacionados à idiosincrasia de Tolkien, conforme abordado por Kullmann e Siepmann (2021). Foram realizadas buscas visando identificar elementos específicos do estilo literário do autor, características linguísticas que são apresentadas no capítulo seguinte.

## 2 Analisando A Sociedade do Anel

3 Disponível em: <https://www.laurenceanthony.net/software/antconc>. Acesso em: out de 2023.

Primeiramente, esclarecemos que esta análise é parte de um projeto maior, que será melhor explorada em uma dissertação que ainda está sendo produzida. De qualquer forma, os textos a serem analisados, por meio do *AntConc*, são: 1. O texto original, em inglês, escrito por John Ronald Reuel Tolkien (doravante, TO); 2. A primeira tradução (doravante, T1), de Maria Rimoli Esteves<sup>4</sup> (Tolkien, 2001); e 3. A retradução (doravante, T2) inovadora de Ronald Kyrmse<sup>5</sup> (Tolkien, 2019).

Após importar os textos para o *AntConc*, somos informados do número de *tokens* em cada edição: enquanto a T1 possui 179.954 (cento e setenta e nove mil novecentos e cinquenta e quatro), a T2 possui 191.842 (cento e noventa e um mil oitocentos e quarenta e dois); o original, para fins de comparação, possui 195.219 (cento e noventa e cinco mil duzentos e dezenove). A diferença pode parecer maior do que realmente é, porque a T2 traz muitas notas extras, com informações sobre conteúdos de outras obras do autor que complementam essa, ou explicações sobre as suas escolhas tradutórias/definições de termos (ainda assim, ambas têm menos palavras do que o texto original).

Para justificar o motivo pelo qual optamos por não remover essas notas de rodapé que são frequentes na T2, apresentamos a seguinte citação:

TO: “*There’s some not far away that wouldn’t offer a pint of beer to a friend*” (Tolkien, 2014, p. 24).

T1: “Tem gente não muito longe daqui que não oferecia uma caneca de cerveja a um amigo” (Tolkien, 2001, p. 24).

T2: “Tem gente não muito longe daqui que não serviria um quartilho de cerveja a um amigo” (Tolkien, 2019, p. 68).

Em “quartilho”, há uma nota que diz: “Medida líquida equivalente a 568 milímetros” (Kyrmse *apud* Tolkien, 2019, p. 68). Essa informação, bem como outras que aparecem ao longo de toda obra traduzida em forma de notas de rodapé são, a nosso ver, parte da tradução, não complemento. Também é válido ressaltar que a opção por manter a unidade de medida exata é um caso de *estrangeirização* que há na T2, haja vista a fala de Venuti (2018) de que se deve “resistir contra o etnocentrismo e o racismo” (Tradução nossa)<sup>6</sup>. Assim, embora haja uma nítida

---

4 Segundo consta em seu currículo Lattes, é doutora em Linguística (1999) e mestra em Linguística Aplicada (1992), ambos os cursos realizados na UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas).

5 Não tem formação na área de letras, mas vem publicando textos sobre Tolkien e sua mitologia desde o começo do século XXI.

6 [*foreignizing translation in English*] can be a form of resistance against ethnocentrism and racism (Venuti, 2018, p. 16).

preferência no relato do autor, a *domesticação* da T1 pode ser um indicio de violência que sofre a tradução (outros exemplos de palavras que são frequentemente *domesticadas*, além de unidades de medidas, são: comidas típicas/regionais, mitologias, religiões, referências históricas etc.).

Entretanto, o foco deste artigo não é explicar as estratégias de *estrangeirização* e *domesticação*, isso ficará reservado à dissertação anteriormente mencionada. Para este trabalho, pretendemos apresentar algumas funções do *AntConc* que auxiliam uma análise dessa natureza.

Assim, estando informado o número de *tokens* de cada edição, e feita a ressalva de que a T2 usa de notas de rodapé com mais frequência do que a T1, dissertemos agora sobre quais são as palavras mais frequentes em cada tradução.

Na T1, a palavra mais frequente, excluindo todas as palavras gramaticais ou funcionais<sup>7</sup>, aparece na posição 16, sendo, na verdade, o verbo dizer, conjugado na terceira pessoa do pretérito perfeito do indicativo. A lista segue com as seguintes palavras: *disse, Frodo, estava, foi, era, Gandalf, Sam, tempo, anel, hobbits*. Das dez palavras listadas, três são importantes personagens: *Frodo, Gandalf, Sam*; uma trata de uma das raças que habitam a Terra-média, os hobbits; e o restante das cinco são palavras lexicais comuns em outros *corpora*. Vejamos, agora, o top 10, de palavras lexicais, da T2: *Frodo, disse, estava, era, foi, Gandalf, tempo, Sam, hobbits, anel*.

Assim como o número de palavras, a frequência com que as palavras lexicais aparecem nas traduções é bastante equivalente, e esse resultado sugere uma consistência na transmissão de conteúdo semântico entre o texto original e suas traduções. Isso porque a presença dos mesmos verbos, substantivos, dentre outros elementos lexicais, pode representar uma fidelidade ao significado original<sup>8</sup>.

Para os próximos parágrafos, vamos nos voltar a outra função do *AntConc* e analisaremos as *colocações*. Dividiremos essa análise em duas partes: na primeira será abordada a posição em que os adjetivos geralmente aparecem nas duas traduções (e, em caso de mudanças, se há alguma perda semântica). Após, analisaremos se as marcas idiossincráticas de Tolkien aparecem nas traduções, uma vez que seu estilo literário foi detalhadamente exposto em *Tolkien as a Lite-*

7 Consideramos palavras funcionais os artigos, as conjunções, os pronomes, as interjeições e os advérbios, ainda que esses possam exercer uma função lexical, cf. o capítulo VIII de Ducrot (1987).

8 Ao dizermos 'pode', estamos evidenciando a complexidade por trás do conceito de fidelidade. Assim, a tradução literal – palavra por palavra – pode não ser suficiente para entregar o sentido original.

*rary Artist*, estudo realizado por Kullmann e Siepmann (2021).

Em português, a posição dos adjetivos em relação aos substantivos pode variar. Os motivos para essa variação podem ser: para dar ênfase, para criar um ritmo ou para que uma rima funcione (num uso mais literário da língua), ou mesmo por razões semânticas (é o caso de ‘um velho amigo’ e ‘um amigo velho’<sup>9</sup>).

Em suma, a escolha do tradutor em manter o adjetivo na posição original, ou não, é muito importante, uma vez que, se mudasse, poderia estar alterando o estilo do autor e um possível efeito que este pretendia causar no público-leitor; mas estaria, possivelmente, adaptando o uso para as tradições linguísticas vigentes e para que o leitor da obra traduzida pudesse se sentir mais acolhido<sup>10</sup>. A seguir, veremos isso na prática, por meio de alguns exemplos.

Na Terra-média há muitos biomas, mas as árvores, sejam elas imponentes e importantes ou não, sempre se fazem presentes. A atenção dada e o papel literário que algumas árvores desempenham é imprescindível para o desenvolvimento da história. Essa atenção pode ser vista, por exemplo, na *Letter 339* (Carta 339, intitulada, em uma tradução livre, *Para o Editor de Daily Telegraph*), disponível em *The Letters of J. R. R. Tolkien*, em que o autor explica como uma árvore pode passar de adorável para maligna. Isso fica ainda mais evidenciado quando Dickerson (2007), notável autor estadunidense, afirma, ao iniciar um capítulo denso sobre a importância destas nas obras tolkienianas, que “seria difícil superestimar a importância das árvores nos escritos de J. R. R. Tolkien” (Tradução nossa)<sup>11</sup>.

O parágrafo anterior busca justificar o motivo pelo qual analisaremos como a palavra ‘árvore’ aparece nas traduções. Porém, cabe ainda uma última justificativa, desta vez mais técnica, pois nos apropriaremos da ferramenta *keyword*, do próprio *AntConc*. Ao selecionarmos a aba de mesmo nome, estando na página inicial do programa, serão listadas as palavras mais comuns do corpus em comparação com um corpus de referência<sup>12</sup>. Importante destacar que a pala-

9 Bechara explica que os adjetivos, em português, desempenham uma função explicativa e especificativa. Usando o nosso exemplo, em ‘velho amigo’, o adjetivo desempenha uma função explicativa, indicando uma característica inerente à classe de um amigo, já em ‘amigo velho’, o adjetivo desempenha uma função especificativa, diferenciando esse amigo de outros que não têm uma idade avançada. Cf. Bechara (2009, p. 30 e 31).

10 Não podemos nos esquecer, no entanto, que dada a natureza sistêmica das línguas, algumas estruturas são, como diria Sobral (2008), intradutíveis. Assim, a ordem das palavras é rearranjada para que o enunciado fique coeso.

11 “It would be difficult to overestimate the importance of trees in the writings of J. R. R. Tolkien” (Dickerson, 2007, p. 678).

12 Usamos o *Corpus of Contemporary American English* como referência.

vra 'tree' não ocupa as primeiras colocações, essas são ocupadas, principalmente pelos nomes das personagens principais (as cinco primeiras *keywords* são: Frodo, Gandalf, Sam, Bilbo e hobbits). Isso muda quando ordenamos nossa busca por substantivos (a lista segue: *hobbits, ring, shire, strider, elves*). Aqui temos duas raças, *hobbits* e *elves*, o local onde os hobbits moram, *the shire*, o substantivo *strider*, que geralmente é usado para se referir a Aragorn, outra personagem da novela, e, por motivos óbvios, a palavra *ring*, anel, em português. Ainda que não apareça no *top* cinco, a palavra 'tree' ainda é muito frequente, estando, dentre todos os substantivos, na posição 54 e 'trees', no plural, na posição 14.

Após saber, por meio de outras fontes, a importância das árvores na literatura tolkieniana e confirmarmos, por meio da ferramenta *keywords*, que a palavra é de fato bastante utilizada, veremos, agora, se os adjetivos são antepostos ou pospostos a ela. Antes, porém, cabe informar que, segundo resultados do mesmo programa, a palavra 'árvore' (aqui também consideramos sua forma no plural) ocorre 285 vezes, na T1; 287, na T2; e 324 vezes no TO. Curiosamente, o número, quando comparado entre traduções, é muito próximo, mas se afasta ao compararmos com o texto original. Isso será investigado e explicado em breve; por hora, vejamos quais adjetivos são marcados à direita ou à esquerda da palavra árvore(s).

### Quadro 1 – Adjetivos para a palavra árvore(s)

Adjetivos	T1	T2	TO
À direita	verde, iluminada, alta, onipresente, viva, baixa, conífera, estranha, grande, abominável, escura, inesperada, quieta, raquítica, branca, nua, velha, carbonizada, enorme, encolhida, maravilhosa, jovem, encantada, quebrada, baixa, cultivada, retorcida	verde, iluminada, outonais, alta, escura, viva, densa, baixa, emaranhada, grande, desgraçada, mirrada, caída, velha, suspensa, densa, branca, nua, carbonizada, enorme, maravilhosa, altaneira, ramificada, encantada, quebrada, baixa, retorcida	Sem ocorrências

À esquerda	grande, elaborada, alta, enorme, densa, velha, escura, menor	alta. grande, velha, antiga	green, illuminated, old, tall, great, autumn, sudden, large, woven, dark, living, thick, low, tangled, overhanging, strange, nameless, big, ancient, quiet, stunted, fallen, high, naked, twisted, charred, mighty, wizened, marvellous, grey, young, towering, white, branching, golden, enchanted, grey-skinned, broken, thrown
------------	--	-----------------------------	---

Fonte: elaborado pelos autores.

Um primeiro fator a ser pontuado é o número de adjetivos únicos em cada tradução: na T1 há 30 adjetivos únicos, enquanto na T2 há 28. Comentamos acima que o número de vezes que a palavra ‘tree’ aparece no original é consideravelmente maior quando comparada ao número de vezes em que a palavra ‘árvore’ aparece nas traduções. O motivo desse número ser quase 50% maior é facilmente detectável. Ora, a estrutura da língua inglesa permite, ou obriga, que sempre que nos referimos a algum elemento, parte, ou tipo de árvore, que citemos a palavra ‘árvore’ novamente. É o caso de *tree-shadow*, *tree-root*, *tree-top*, *elm-tree*, *alder-tree*, *fir-tree*, *oak-tree* etc. As traduções literais para essas palavras, em português, são, respectivamente: sombra, raiz, copa (da árvore), ulmeiro, amieiro, abeto e carvalho. A primeira palavra entra na primeira categoria que elencamos, um elemento; poderíamos dizer a sombra da árvore, ou apenas sombra, enquanto em inglês, ou melhor, Tolkien, prefere utilizar a expressão *tree-shadow*. A segunda e a terceira palavras pertencem à segunda categoria, qual seja, de partes das árvores, no caso raiz e copa. Por último, temos exemplos de tipos ou espécies de árvores. Isso justifica o número menor de ocorrências de traduções da palavra *tree*, pois, em muitos casos, essa palavra pode ser ocultada sem que haja uma perda semântica (quando *apple tree* é traduzido para macieira, por exemplo).

Também notamos que não há ocorrência de adjetivos à direita da palavra *tree(s)*. Claro, há casos em que Tolkien (2014) descrevia como as árvores eram, então os adjetivos apareciam após o verbo conjugado. É o caso de “*the trees were thinner*” (p. 112); ou “*the trees were beautiful*” (p. 301), ou “*the bark of the trees is smooth and grey*” (p. 326).

Ainda olhando os resultados da tabela acima, podemos observar que os adjetivos à esquerda são mais utilizados na T1 do que na T2, o que pode parecer contraditório, haja vista a declaração de Lopes apresentada na introdução, de que todas as novas traduções de Tolkien no Brasil, incluindo a retradução de *O Senhor dos Anéis* traduziria, sempre que possível, “elemento por elemento” (Lopes, 2019, n.p). E isso é ainda mais curioso quando estamos falando da posição em que adjetivos são postos numa oração, uma vez que, em português, isso pode variar, isto é, não haveria grandes problemas em fazer essas trocas<sup>13</sup>.

Para tentar entender por que a estrutura original não foi mantida, propomos analisar alguns casos, a começar pelo seguinte:

TO: “*And by the strand of Ilmarin there grew a golden Tree*” (Tolkien, 2014, p. 363).

T1: “Em Ilmarin dourando a praia uma Árvore crescia” (Tolkien, 2001, p. 367).

T2: “Junto à praia de Ilmarin, árvore d’ouro a medrar” (Tolkien, 2019, p. 525).

Nesse primeiro caso, o adjetivo ‘*golden*’ não é traduzido em nenhuma das duas traduções<sup>14</sup>, cabe, agora, analisarmos se a ausência desse adjetivo compromete o entendimento ou a mensagem original. Para isso, vejamos o que cada uma das três citações entrega semanticamente: TO: a passagem explica que uma árvore dourada cresceu perto da praia de Ilmarin; a mensagem original aparece na T1, mas há acréscimos, uma vez que o comentário de que a praia havia ficado dourada não é mencionado; e, na T2, também temos a ideia central, ainda que ‘d’ouro’ possa remeter que a árvore é feita de ouro, não que emana uma luminosidade dourada.

As mudanças relacionadas à escolha de palavras e à estrutura da frase são comuns e naturais, ainda mais em traduções literárias, pois, em muitos casos, o tradutor é o primeiro intérprete do texto, e as suas interpretações podem aparecer nos seus textos (é o caso da praia dourada). Nota-se, entretanto, que o rompimento com a fidelidade não está ligado à posição do adjetivo nas frases analisadas, mas pela opção em não traduzir o adjetivo por uma outra palavra de mesma classe gramatical.

13 Há de considerar que a declaração foi feita para um público não-especialista, e que é feita uma explicação simplificada do conceito de *estrangeirização*. Ainda assim, a reflexão que fazemos sobre a posição dos adjetivos ainda parece válida.

14 Nos referimos ao possível uso da palavra ‘dourada’, pois a tradução de ‘golden’ é dourar, na T1, e d’ouro, na T2. Essa mudança na classe gramatical (de adjetivo para verbo e adjunto adnominal) é considerada uma transposição, segundo Aubert (1998), não mais uma tradução literal.

Destacamos, por último, que a fala acima analisada parte de Galadriel, uma Elfa. Na mitologia de Tolkien, os elfos geralmente têm uma fala mais erudita, complexa, e, por vezes, arcaica<sup>15</sup>. Analisaremos agora o outro lado da moeda, o emprego da palavra ‘árvore’ e os adjetivos que a sucedem em ambas as traduções, na fala de Sam Gamgee, um Hobbit<sup>16</sup>, cuja raça tem uma linguagem mais simples e pouco sofisticada:

TO: “*I don’t like this great big tree*” (Tolkien, 2014, p. 115).

T1: “Não gosto desta árvore grande” (Tolkien, 2001, p. 123).

T2: “Não gosto desta arvorezona grande” (Tolkien, 2019, p. 189).

Nesse caso, no original, Sam, sozinho na mata, demonstrava um certo receio ou mesmo aversão a uma árvore em particular. Destacamos que sua preocupação era tanta que ele adjetivou o tamanho dela duas vezes, “*a great [1] big [2] tree*”. A T1 preserva o significado original, pois a fala da personagem segue indicando que a árvore é grande. Na T2, assim como na T1, é empregado o adjetivo ‘grande’, mas o substantivo ‘árvore’ passa a ser ‘arvorezona’, destacando o segundo predicado que há no original e mantendo uma informalidade que naturalmente é associada aos Hobbits.

Para avançarmos na análise, vejamos se os achados de Kullmann e Siepmann (2021) são verdadeiros também em português. Aqui serão analisados dois pontos importantes da escrita de Tolkien, e que indicam a sua idiossincrasia. O primeiro é uma figura de linguagem comum na língua inglesa: o hipérbato (*inversion*, em inglês). No entanto, é importante deixar claro que há várias formas de fazer inversões e, nos textos de Tolkien, é comum aparecer da seguinte forma: o complemento do sujeito é seguido pelo verbo de ligação *to be* e depois o sujeito. Essa inversão enfatiza a qualidade ou o estado daquilo que está sendo descrito. Vejamos dois exemplos: “*...and beautiful was its colour...*, e *So deep and narrow was that chasm that...*” (Tolkien *apud* Kullmann e Sipmann, 2021, p. 81, grifo nosso). No primeiro exemplo, *beautiful* é o complemento do sujeito e ele é colocado

15 Segundo dados do *AntConc*, *The Fellowship of the Ring*, texto original que está sendo analisado, conta com cinco ocorrências da palavra *thee* e *thy*, e três da palavra *thou* e *ye* – palavras geralmente encontradas em textos do século XVI ou de séculos anteriores, quando ainda se falava o *Middle English*, ou ainda, o *Old English*. Segundo Kullmann e Sipmann (2021) a escolha por essas palavras passa pelo período em que Tolkien passou traduzindo *Beowulf*, poema épico datado do ano 1000.

16 Todas as raças aparecem com a primeira letra capitalizada na T2. Optamos por escrever dessa forma neste texto também.

no início da frase para possivelmente enfatizar a beleza da cor (ao invés do mais natural *the colour is beautiful*). Do mesmo modo, no segundo exemplo, *deep and narrow* enfatiza as características do abismo.

Vejamos como as traduções lidaram com os diversos hipérbatos encontrados nos textos de Tolkien e se essas estruturas foram mantidas ou não. Para isso, identificamos, no *AntConc*, todas as vezes que a palavra ‘was’ ocorre (2.484 vezes) e as vezes em que há a colocação adjetivos + was (contamos 19 ao longo de toda *The Fellowship of the Ring*<sup>17</sup>). Vejamos um exemplo de como as traduções abordaram esse estilo:

TO: “*But the spell that was now laid upon him was different: less keen and lofty was the delight, but deeper and nearer to mortal heart*” (Tolkien, 2014, p. 121).

T1: “Mas o encanto que agora tomava conta dele era diferente: menos agudo e grandioso, mas mais profundo e próximo dos corações mortais” (Tolkien, 2001, p. 129).

T2: “Mas o feitiço que agora repousava sobre ele era diferente: menos incisivo e exaltado era o deleite, porém mais profundo e mais próximo do coração mortal” (Tolkien, 2019, p. 198).

O texto original traz a seguinte inversão: “*less keen and loftly was the delight*”, observe que a estrutura mais natural seria: *the delight was less keen and lofty*, pois o sujeito é seguido por um verbo, que por sua vez é seguido do predicado. Como mencionado em outro momento, o objetivo para o uso de inversões é tanto para dar ênfase aos elementos referidos, no caso, à natureza menos aguda e grandiosa do deleite, como também para criar um ritmo diferente e um efeito mais poético e literário ao texto.

Notamos que a T1 não segue o mesmo modelo sintático do original; a maior diferença estando no sujeito que é predicado: no original é o *deleite*, na T1, como essa palavra é suprimida, os adjetivos passam a predicar o encanto. Os adjetivos da T2, por outro lado, modificam a palavra *deleite*, tal qual no original.

17 Para fins de curiosidade, seguem todos os achados (pensamos em analisar cada uma destas citações na dissertação de mestrado anteriormente comentada), lembrando que as citações são do texto original de Tolkien (2014): “*sad and sweet was the sound of her voice*” (p. 363), “*less keen and lofty was the delight*” (p. 121), “*so magnificent was the invitation card*” (p. 28) “*holly was the token of the people*” (p. 295), “*dark was the danger*” (p. 369), “*fair was the music*” (p. 368), “*so fair was the grace of Goldberry*” (p. 129), “*silver was his habergeon*” (p. 227), “*so cunning was his questioning*” (p. 130), “*very queer he was*” (p. 170), “*so eager was he to come to Moria*” (p. 292), “*so overjoyed was I*” (p. 257), “*hard was my parting from Lothlórien*” (p. 393), “*so silent was it*” (p. 110), “*so bright was it*” (p. 355), “*so terrible was it*” (p. 355), “*sweet was her singing*” (p. 124), “*how rich and beautiful was its colour*” (p. 59), “*how perfect was its roundness*” (p. 59), e “*very bright was that sword*” (p. 269).

Ainda assim, a ideia geral de que mudanças ocorreram é transmitida, pois deixaram de ser “agudo e grandioso” e passou a ser “profundo e próximo dos corações mortais”.

Para um exemplo final, escolhemos um caso em que não houve omissão do substantivo adjetivado, para que analisemos se ainda houve inversões:

TO: “*Very bright was that sword when it was made whole again*” (Tolkien, 2014, p. 269).

T1: “Muito brilhante ficou aquela espada depois de restaurada” (Tolkien, 2001, p. 294).

T2: “Era muito luzidia a espada quando se tornou inteira outra vez” (Tolkien, 2019, p. 394).

“*Bright was that sword*” é um exemplo de hipérbato, pois o mais comum seria *that sword was bright*. O caso é bastante parecido com o anterior: a qualidade (*bright*) é apresentada no início da frase, antes do sujeito (*the sword*). Nesse caso, assim como no anterior, também há uma sugestão de que a ênfase maior que o autor pretendia passar está mais concentrada na luminosidade da espada do que nela em si.

Sobre o significado original, acreditamos que ambas as traduções conseguem, de diferentes formas, transmiti-lo. Notamos que a T2 traduz o ‘*was*’ da mesma forma que no caso anterior. A T1, dessa vez, traduz para ‘ficou’, uma forma também válida dado o contexto. Sabemos que o significado foi preservado, mas precisamos ainda responder à pergunta feita momentos atrás: houve inversões nas traduções? A resposta é sim para os dois casos, pois, a ordem natural seria, para a T1, ‘aquela espada ficou muito brilhante’, e, para a T2, ‘a espada era muito luzidia’.

Lembro que os resultados e análises mais profundas serão apresentadas na dissertação há pouco referida, assim, avançamos para o segundo achado de Kullmann e Siepmann (2021): o uso repetitivo do *existential there* no início de frases. Caso o leitor não esteja familiarizado com o termo, *existential there* é “uma forma gramatical que afirma a existência ou a não-existência de algo e é frequentemente usada para introduzir novas informações” (Tradução nossa)<sup>18</sup>. O uso desse recurso não é incomum em inglês, pelo contrário, temos exemplos dele em várias obras famosas. O que chama a atenção, ou pelo menos chamou a atenção

---

18 “this grammatical form asserts the existence (or non-existence) of something and is often used to introduce new information” (Battistella, 2019, n.p).

dos autores mencionados, é que a repetição dessa estrutura contribui para formar o tom de *O Senhor dos Anéis*, que sempre destaca aquilo que está em cena. Focando no que este presente trabalho se propôs a fazer – uma análise das traduções –, falemos um pouco das possíveis dificuldades que um tradutor para o português brasileiro teria ao traduzir os *existential there*.

A tradução de *there was*, para falar sobre aquilo que está em cena, no português, seria algo próximo de ‘havia’ ou ‘existia’ ou, ainda, ‘tinha’, ainda que esse último possa ser considerado mais informal. Por isso ser algo que salte aos olhos do leitor de Tolkien em inglês, ainda que de maneira negativa, pois a repetição de estruturas ou palavras pode acabar tornando o texto maçante, analisaremos se as traduções, em especial a retradução, também repetem essas expressões.

Ao pesquisarmos a palavra ‘*there*’ no *AntConc*, descobrimos que 262 vezes a palavra que sucede é ‘*was*’; 119 vezes a palavra que sucede é ‘*is*’; 91 vezes, ‘*were*’; e 82 vezes, ‘*are*’, todas conjugações do verbo *to be*, indicando que há algo em cena. Esse número expressivo (soma-se 554 vezes da expressão *there + to be*) reforça o comentário dos autores, de que, por ser algo tão corriqueiro, acaba tornando uma marca literária do autor.

Para compreendermos se as expressões se repetem, necessitaríamos de uma quantidade significativa de exemplos e, por ser uma tarefa mais trabalhosa, uma vez que a tradução da expressão *there + to be* pode se dar das mais diversas formas em português – o que dificultaria uma busca rápida no *AntConc* –, e dada a natureza enxuta deste artigo, analisaremos apenas um<sup>19</sup>:

TO: “*There was a wide arch leading to a courtyard between the two wings, and on the left under the arch there was a large doorway reached by a few broad steps*” (Tolkien, 2014, p. 149).

T1: “Havia um grande arco pelo qual se chegava ao pátio entre os dois pavilhões e à esquerda sob o arco havia um grande saguão de entrada, precedido de alguns degraus largos” (Tolkien, 2001, p. 160).

T2: “Havia um amplo arco que abria para o pátio entre as duas alas, e à esquerda, sob o arco, havia um grande portal ao qual se subia por alguns degraus largos” (Tolkien, 2019, p. 234).

A explicação de Kullmann e Siepmann (2021) faz sentido e se aplica nesse caso. Tolkien, no exemplo acima, descreve a presença de um grande arco que conduz a um pátio; a passagem segue descrevendo a presença de uma grande

19 A análise pode ser estendida na dissertação, em que o foco passará a ser a possível domesticação/ estrangeirização das traduções.

entrada. Ambas as traduções preservam o conteúdo original e, para descrever o que há em cena, usam o ‘havia’ que poderia ser facilmente substituído ou ocultado na segunda vez em que é mencionado para tornar o texto mais fluido.

Embora escolham palavras diferentes, as duas traduções transmitem a mesma mensagem presente no original. Isso porque, em ambos os casos, o ambiente apresentado ao leitor é descrito com todos os detalhes do original. Outras implicações semânticas, como o uso de ‘pavilhões’ para traduzir ‘wings’, termo que, no contexto arquitetônico, se refere às partes laterais de uma construção, não serão abordadas para não prolongarmos esta análise.

Também é válido ressaltar que, para outros fins ou para outros tipos de pesquisa, é possível que se busque por dados em corpus *online*, não necessitando uma ferramenta específica como o *AntConc*. Estes sites especializados geralmente são acessíveis e de fácil manejo. Para a dissertação, foi escolhido usar o SketchEngine, para buscas em inglês, e o site <https://www.corpusdoportugues.org>, para buscas em português. Para corpus que fornecem uma rápida comparação entre as traduções mais frequentes, usamos o Linguee<sup>20</sup> e o Reverso<sup>21</sup>.

Um exemplo de uso desses corpora pode ser visto no caso abaixo:

TO: “*The ostler has a tipsy cat*” (Tolkien, 2014, p. 155).

T1: “O dono tem um gato alcoólatra” (Tolkien, 2001, p. 242).

T2: “O gato ébrio do estribeiro” (Tolkien, 2019, p. 167).

A T1 parece tentar adequar os termos menos populares ao leitor brasileiro, ao passo que a T2 opta por manter um vocabulário próximo ao original. Isso é dito baseado nos achados feitos no O Corpus do Português: alcoólatra (incluindo a palavra grifada sem o acento agudo e suas formas no plural) registram 1.215 ocorrências, enquanto ébrio apenas 94. Essas informações pouco seriam úteis se não conhecêssemos a frequência da palavra usada no original, por isso buscamos no Sketch Engine por ela: *tipsy*: 0.27 hits per million; buscamos outros sinônimos para comparação: *drunk*: 12.28 hits per million; *stoned*: 1.32 hits per million. O resultado final é apresentado de formas distintas entre as duas plataformas, mas fica provado que *tipsy*, a partir do que diz o corpus consultado, tem um número consideravelmente abaixo dos sinônimos diretos.

Em suma, com a breve análise aqui feita, pode-se considerar que a LC é

20 Disponível em: [linguee.com.br](http://linguee.com.br), acesso em junho de 2024.

21 Disponível em: [context.reverso.net/tradução/](http://context.reverso.net/tradução/), acesso em junho de 2024.

uma ferramenta valiosa para a análise comparativa de traduções, pois fornece uma abordagem sistemática e baseada em dados para examinar as escolhas, os padrões e a qualidade da tradução. Ela permite que os pesquisadores explorem os fenômenos da tradução em vários idiomas, gêneros e períodos de tempo, tornando-a uma abordagem essencial nos Estudos da Tradução.

### Considerações Finais

A partir da análise apresentada, podemos confirmar que a LC, quando utilizada a nosso favor, pode ser fundamental para análises entre traduções, uma vez que, com a ajuda do *AntConc*, muitos processos de pesquisa foram simplificados e menos esforço foi necessário para que encontrássemos exemplos pertinentes à análise.

Foi possível verificar diferenças com relação às escolhas dos tradutores em algumas características linguísticas, como a posição sintática e as combinações dos adjetivos, o que pode ter alterado o sentido original. Quanto à análise em si, ela precisa, como dito anteriormente, ser continuada para que tenhamos mais propriedade em afirmar qual das traduções *domestica* ou *estrangeiriza* mais e, por consequência, indicar quais passos os tradutores que pretendem seguir essas linhas podem tomar para que atinjam os objetivos estabelecidos por Schleiermacher e apropriados por Venuti.

No entanto, a conclusão prévia que chegamos é que a T2 é menos domesticadora uma vez que há uma clara diferença na forma com que diferentes povos se comunicam (vimos que a linguagem dos Elfos é mais formal enquanto a dos Hobbits é mais coloquial), de forma a marcar que, por terem culturas diferentes, se expressam, também, de forma diferente. Outro exemplo dessa marca aparece logo nos primeiros parágrafos do capítulo de análise, em que é apresentada a opção de cada tradutor ao se deparar com a palavra *pint*. Perceber essa alteridade é perceber que os povos têm culturas e línguas diferentes. Assim, parece (nessa percepção inicial) que a T2 está mais preocupada em reforçar um respeito entre as raças da Terra-média, o que parece não acontecer na T1.

De qualquer forma, toda essa percepção inicial deve ser corroborada ou refutada após a conclusão da dissertação que estamos escrevendo. O que já parece certo é o fato de que a utilização da LC, em especial programas como o *AntConc*, tende a ajudar pesquisadores que se aventuram nos Estudos da Tradução.

### Referências

ANTHONY, L. What can corpus do? In: O'KEEFFEE, A.; MCCARTHY, M. (eds.). **The Routledge Handbook of Corpus Linguistics**. Abingdon: Routledge Press, 2022, p. 103-125.

AUBERT, F. H. Modalidades de tradução: teoria e resultados. **Tradterm**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 99-128, jan. 1998.

BAKER, M. Corpus Linguistics and Translation Studies: Implications and Applications. In: BAKER, M.; FRANCIS, G.; TOGNINI-BONELLI, E. (eds.). **Text and Technology**: In Honour of John Sinclair. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 1993, p. 233-250.

BAKER, M. **In Other Words**: a coursebook on translation. 3. ed. London: Routledge, 2018.

BATTISTELLA, E. L. **How to use the existential "there"**. 2019. Disponível em: <https://blog.oup.com/2019/12/how-to-use-the-existential-there>. Acesso em: 25 set. 2023.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009.

BERBER-SARDINHA, T. Linguística de corpus: histórico e problemática. **DELTA**, v. 16, n. 2, p. 323-367, 2000.

BERBER-SARDINHA, T. **Linguística de Corpus**. São Paulo: Manole, 2004.

BERBER-SARDINHA, T. **Pesquisa em Linguística de Corpus com Wordsmith Tools**. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

BIBER, D. **Representatividade em planejamento de corpus**. Cadernos de Tradução, n. 30, p. 11-45, 2012.

CARPENTER, H. (ed). **The Letters of J. R. R. Tolkien**. Boston e New York: Houghton Mifflin, 2021.

DAYRELL, C. O uso de corpora para o estudo da tradução: objetivos e pressupostos. **Tradução em Revista**. n. especial, out de 2015. p. 87-102. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/25346/25346.PDFXXvmi>. Acesso em: 14 jan 2025.

DICKERSON, M. T. Trees. In: DROUT, M. D. C. (ed). **J. R. R. Tolkien Encyclopedia**: scholarship and critical assessment. New York: Routledge, 2007, p. 678-680.

DUCROT, O. **O Dizer e o Dito**. Revisão técnica da tradução: Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes Editores, 1987.

FADANELLI, S. B. **Terminografia Didático-Pedagógica**: metodologia para elaboração de recursos voltados ao ensino de inglês para fins específicos. 2017. 198 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/168864?show=full>. Acesso em: 05 jul. 2024.

FIRTH, J. R. **Papers in Linguistics 1934-1951**. Oxford: Oxford University Press, 1957.

GONÇALVES, D. F. **Pseudotradução, Linguagem e Fantasia em O Senhor dos Anéis, de J. R. R. Tolkien: princípios criativos da fantasia tolkieniana**. 229 f. 2007. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) - Departamento de Letras Modernas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-17102007-140251/pt-br.php>. Acesso em: 19 set. 2023.

- GRIES, S. T. Some proposals towards more rigorous Corpus Linguistics. **Zeitschrift für Anglistik und Amerikanistik**, v. 54, n. 2, p. 191–202, 2006.
- GRIES, S. T. What is Corpus Linguistics? **Language and Linguistics Compass**, v. 3, p. 1–17, 2009.
- GRIES, S. T. A new approach to (key) keywords analysis: Using frequency, and now also dispersion. **Research in Corpus Linguistics**, v. 9, n. 2, p. 1–33, 2021. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/349580151\\_A\\_new\\_approach\\_to\\_key\\_keywords\\_analysis\\_Using\\_frequency\\_and\\_now\\_also\\_dispersion](https://www.researchgate.net/publication/349580151_A_new_approach_to_key_keywords_analysis_Using_frequency_and_now_also_dispersion). Acesso em: 14 jan 2025.
- HUNSTON, S. **Corpora in Applied Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- KENNEDY, G. **An Introduction to Corpus Linguistics**. New York: Routledge, 2014.
- KENNY, D. **Corpora in translation studies**. In: Baker, M. (ed.) *Routledge encyclopedia of translation studies*. London and New York, Routledge, 1998, p. 50–53.
- KULLMANN, T; SIEPMANN, D. **Tolkien as a Literary Artist**: exploring rhetoric, language and style in the lord of the rings. Cham: Palgrave Macmillan, 2021.
- KYRMSE, R. **Explicando Tolkien**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- WEISSER, W. What corpora are available? In: MCCARTHY, M; O'KEEFFE, A. **The Routledge Handbook of Corpus Linguistics**. New York: Routledge, 2010. p. 89–102.
- LOPES, R. J. “É uma tradução estrangeirizadora”, diz Reinaldo José Lopes em 20 perguntas sobre as novas edições. [Entrevista concedida a] Fernanda Correia. **Tolkienista**. 2019. Disponível em: <https://tolkienista.com/2019/07/30/e-uma-traducao-estrangeirizadora-diz-reinaldo-jose-lopes-em-20-perguntas-sobre-as-novas-edicoes>. Acesso em: 29 jan. 2022.
- LOPES, R. J. **With many voices and in many tongues**: pseudotradução, autorrefração e profundidade cultural na ficção de J. R. R. Tolkien. 2012. 91 f. Tese (Doutorado em estudos linguísticos e literários em inglês)– Departamento de letras modernas, USP. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-14032013-124446/pt-br.php>. Acesso em: 21 jan. 2022.
- OLOHAN, M. **Introducing Corpora in Translation Studies**. New York: Routledge, 2004.
- SCARAMUCCI, M. V. R. A competência lexical de alunos universitários aprendendo a ler em inglês como língua estrangeira. **DELTA**, v. 13, n. 2, p. 215–246, 1997.
- SINCLAIR, J. Beginning the study of lexis. In: BAZELL, C. E. (org.). **In Memory of J R Firth London**: Longman, 1966. p. 410–430.
- SINCLAIR, J. **Corpus, Concordance, Collocation**: Describing English Language. Oxford: Oxford University Press, 1991.
- SINCLAIR, J. **Reading Concordances**: an introduction. London: Pearson/Longman, 2003.
- SOBRAL, A. **Dizer o ‘mesmo’ a outros**. São Paulo: Sbs Editora, 2008.
- TEUBERT, W. My version of corpus linguistics. **International Journal of Corpus Linguistics**, v. 10, n. 1, p. 1–13, 2005.
- TOLKIEN, J. R. R. **A Sociedade do Anel**. Tradução de Lenita Maria Rimoli Esteves. [1994]. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TOLKIEN, J. R. R. **A Sociedade do Anel**. Tradução de Ronald Kyrmse. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2019.

TOLKIEN, J. R. R. **The Fellowship of the Ring**. New York: Houghton Mifflin Harcourt, 2014.

VENUTI, L. **The translator's invisibility: a history of translation**. [1995]. 2. ed. Londres, Nova York: Routledge, 2018.

## Sobre os autores

**Leonardo Soboleswki Flores** - Mestrando em Letras e Cultura pela Universidade de Caxias do Sul, bolsista PDPG/CAPES. E-mail: lsflores3@ucs.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8401533646173704>. OrcID: <https://orcid.org/0009-0009-1571-5125>

**Sabrina Bonqueves Fadanelli** - Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura (PPGLET) da Universidade de Caxias do Sul (UCS); Caxias do Sul-RS E-mail: sbfadane@ucs.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8328335703127594>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0001-5706-4257>.